



# SPINOZA E NIETZSCHE: CONCEPÇÕES DE DEUS E A CRISE DE SENTIDO NA CONTEMPORANEIDADE

*Janaina Rocha Machado de Oliveira<sup>1</sup>, Antonio Alves Pereira Junior<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Academico do Curso de Filosofia, Campus Três Corações-MG, Universidade Cesumar - UNICESUMAR.  
ft.janainamachado@gmail.com

<sup>2</sup>Orientador, Docente do Curso de Filosofia, UNICESUMAR. Pesquisador do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. antonio.alves@unicesumar.edu.br

## RESUMO

O presente trabalho investiga as concepções de Deus em Baruch de Spinoza e Friedrich Nietzsche, buscando compreender como suas perspectivas filosóficas tensionam entre si e contribuem para interpretar a crise contemporânea de sentido que atravessa o mundo atual. A pesquisa é de natureza bibliográfica e adota abordagem qualitativa, fundamentando-se em textos primários, *Ética* (Spinoza, 2017), *A gaia ciência* (Nietzsche, 2001) e *Assim falou Zaratustra* (Nietzsche, 2018), além de fontes secundárias contemporâneas que discutem a relevância dessas ideias para a realidade sociocultural presente. Spinoza apresenta um Deus imanente, identificado com a própria Natureza, como uma substância única e infinita, cujos atributos expressam a essência universal. Nessa perspectiva, a liberdade humana consiste em compreender racionalmente a necessidade que governa os fenômenos do mundo. Nietzsche, em contraposição, entende a “morte de Deus” como um diagnóstico cultural do declínio da moral cristã e do esvaziamento das antigas certezas, responsabilizando o indivíduo pela criação de novos valores. O debate é enriquecido pela crítica de Schopenhauer ao panteísmo spinozista, pelas reflexões de Han (2015) sobre a sociedade do cansaço e pelas observações de Harari (2020) a respeito da erosão das grandes narrativas que sustentam a coesão cultural. Os resultados apontam que a crise contemporânea de sentido é multidimensional, filosófica, histórica, cultural e social e que as filosofias de Spinoza e Nietzsche, embora tensionem em seus fundamentos, oferecem caminhos complementares: a reconciliação com a imanência racional e a reinvenção criativa dos valores humanos. Conclui-se que essas abordagens, quando dialogam e se tensionam, revelam horizontes férteis para uma ética da existência que valoriza a vida, a liberdade e a construção autônoma do sentido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética da Imanência; Genealogia; Modernidade Filosófica; Racionalidade Crítica; Transvaloração dos Valores.

## 1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada por uma crescente sensação de esvaziamento de sentido e por uma crise profunda de valores (Han; Harari, 2020). A erosão das antigas certezas, sobretudo daquelas fundamentadas em visões teológicas tradicionais, produziu um terreno fértil para novas investigações filosóficas sobre o lugar do ser humano no mundo. Nesse cenário, pensadores como Baruch de Spinoza e Friedrich Nietzsche se destacam ao propor concepções radicais e inovadoras acerca de Deus e da existência. Spinoza rompe com a ideia de um Deus pessoal, transcendente e interventor. Em sua obra, Deus é identificado com a própria Natureza, uma substância única, absolutamente infinita, cujos atributos expressam, cada um à sua maneira, a essência da realidade. Segundo o próprio filósofo: “Por Deus, entendo um ser absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste em infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (Spinoza, 2017).

Essa visão panteísta oferece uma alternativa à teologia tradicional, ao afirmar uma imanência radical: Deus está em tudo, e tudo está em Deus. Embora essa seja uma ideia interessante, há nela um flagrante problema: se Deus está em tudo — tal como na visão panteísta de Spinoza —, então Ele também está na dor e no sofrimento do mundo. Essa é uma das teses apresentadas por Schopenhauer ao criticar o panteísmo a partir de sua visão radicalmente pessimista: “A ninguém ocorrerá de modo imediato tomar este mundo como



um deus, pois deveria se tratar de um Deus muito mal esclarecido se transformar em um mundo tão faminto e com seres tão aterrorizados pela morte e pelo sofrimento” (Schopenhauer, 2010; ver também: Alves, 2024).

Nietzsche, por outro lado, desafia frontalmente a tradição metafísica ocidental ao anunciar, em *A gaia ciência*, a famosa sentença: “Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos!” (Nietzsche, 2001). Essa declaração não deve ser interpretada literalmente, mas como um diagnóstico cultural: a fé no Deus da moral cristã perdeu sua força diante do avanço do pensamento crítico e científico. Com isso, abre-se caminho para a transvaloração dos valores, exigindo do ser humano a responsabilidade de criar novos fundamentos para a vida (Marton, 2020).

O conteúdo desenvolvido neste texto tem por objetivo examinar essas concepções de Deus e investigar como elas dialogam com a crise de sentido que atravessa o mundo atual. Ao revisitar Spinoza e Nietzsche, busca-se compreender de que modo suas filosofias podem oferecer, ainda hoje, caminhos para enfrentar a perda de referências e reconstruir, em outras bases, o sentido da existência.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Adota-se a metodologia de pesquisa bibliográfica, com análise qualitativa dos textos primários, *Ética* (2017) de Spinoza e obras como *A gaia ciência* (2001) e *Assim falou Zaratustra* (2018) de Nietzsche, além de dissertações, artigos científicos e estudos contemporâneos sobre o tema. A análise privilegia a comparação conceitual, o estudo da aplicabilidade das ideias ao contexto contemporâneo e o cruzamento com interpretações recentes.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da análise dos textos selecionados evidenciam que a crise de sentido contemporânea é um fenômeno complexo, que não pode ser explicado apenas por um único filósofo, mas pelo diálogo entre perspectivas complementares e, em alguns casos, tensionadas.

Em Spinoza (2017), a identificação de Deus e Natureza apresenta uma ética da imanência. Segundo o próprio autor: “Por Deus, entendo um ser absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste em infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (Spinoza, 2017). Essa definição rompe com a concepção teísta tradicional, deslocando a liberdade para a compreensão racional da necessidade universal. Nesse sentido, Deleuze (1992) interpreta a filosofia spinozista como uma prática da vida, afirmando que “a Ética é, antes de tudo, uma teoria dos modos de existência, inseparável de uma arte de viver”. Entretanto, como observa Schopenhauer (2010): “A ninguém ocorrerá de modo imediato tomar este mundo como um deus, pois deveria se tratar de um Deus muito mal esclarecido se transformar em um mundo tão faminto e com seres tão aterrorizados pela morte e pelo sofrimento.” Essa crítica ressalta a limitação do panteísmo spinozista ao lidar com a presença do mal e do sofrimento.

Em Nietzsche, a radicalidade aparece no diagnóstico cultural da morte de Deus. Em *A gaia ciência*, lê-se: “Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos!” (Nietzsche, 2001). Trata-se não de um enunciado literal, mas de uma constatação de que a moral cristã perdeu sua capacidade de fornecer sentido à existência. A tarefa da filosofia, então, é assumir a criação de novos valores. Essa exigência se articula com o que Nietzsche já havia antecipado em *Sobre a verdade e a mentira em sentido extramoral*, quando afirma que “as verdades são ilusões das quais se esqueceu que o são; metáforas que foram usadas e que perderam a sua força sensível” (Nietzsche, 2007). Essa crítica à



verdade como fundamento último evidencia a impossibilidade de qualquer base transcendente estável. Como observa Marton (2020), Nietzsche leva a filosofia a uma nova tarefa: “a genealogia surge como recurso metodológico para expor os fundamentos históricos e frágeis dos valores, exigindo sua transvaloração”.

No horizonte sociocultural, Han (2015) descreve a contemporaneidade como uma sociedade do cansaço, marcada pelo excesso de desempenho: “o sujeito de desempenho não é mais submisso a um outro, mas ao seu próprio imperativo de maximização”. Esse diagnóstico amplia a leitura filosófica ao mostrar que o vazio de sentido se conecta à lógica da produtividade moderna. Já Harari (2020) destaca que “as grandes narrativas que davam coesão às sociedades humanas estão em erosão”, reforçando o sentimento de desorientação cultural e existencial.

Assim, o conjunto dos textos evidencia que, enquanto Spinoza oferece um caminho de reconciliação com a necessidade universal, Nietzsche denuncia a fragilidade de nossas crenças e propõe a criação de valores pela afirmação da vida. Ao lado deles, Schopenhauer, Han, Harari e Marton ampliam o diagnóstico, mostrando que a crise de sentido é tanto filosófica quanto histórica e social.

Portanto, a contemporaneidade pode ser lida a partir de dois movimentos complementares: o da imanência spinozista, que sugere um sentido possível no conhecimento racional do todo, e o da ruptura nietzschiana, que exige a reinvenção dos valores sem garantias transcendentais. Esses dois horizontes, embora distintos, convergem ao mostrar que a liberdade e a construção de sentido só se encontram dentro da própria vida, e não fora dela.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise das concepções de Deus em Spinoza e Nietzsche permitiu compreender como suas filosofias, ainda que divergentes, oferecem respostas vigorosas à crise de sentido que caracteriza a contemporaneidade. Spinoza propõe uma ética fundada na imanência e na racionalidade, em que a liberdade consiste em compreender a necessidade universal. Nietzsche, em contrapartida, denuncia a falência da moral cristã e a fragilidade da noção de verdade, convocando o ser humano à criação de novos valores e à afirmação da vida mesmo diante do vazio.

O diálogo com Schopenhauer, Han, Harari e Marton enriqueceu o debate, mostrando que a crise de sentido não é apenas filosófica, mas também histórica, social e cultural. A crítica schopenhaueriana ao panteísmo spinozista evidencia os limites da imanência diante do sofrimento, enquanto Han e Harari expõem como a lógica do desempenho e a erosão das grandes narrativas intensificam a desorientação do sujeito moderno. Marton, por sua vez, aponta a atualidade do método genealógico de Nietzsche como recurso para desvelar a fragilidade dos valores e abrir espaço para a transvaloração.

Com base nesse percurso, conclui-se que tanto a imanência spinozista quanto a ruptura nietzschiana continuam a oferecer horizontes fecundos para o pensamento contemporâneo. Spinoza indica a possibilidade de uma ética da alegria racional, ao passo que Nietzsche exige a coragem de criar valores em um mundo sem garantias transcendentais. Essas filosofias, quando lidas em conjunto, revelam que a liberdade e o sentido da existência não se encontram fora da vida, mas são construídos na própria experiência de viver.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Antonio. *A liberdade intelectual em Schopenhauer*. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

DELEUZE, G. *Spinoza: Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta, 1992.

HAN, BYOUNG-CHUL. *A sociedade do cansaço*. São Paulo: Vozes, 2015.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a verdade e a mentira em sentido extramoral*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARTON, Scarlett. "Nietzsche: da genealogia à transvaloração dos valores". *Aufklärung: Revista de Filosofia*, v. 7, n. esp., p. 97–108, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/arf/article/view/56769>. Acesso em: 5 maio 2025.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a filosofia e seu método*. São Paulo: Hedra, 2010.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução de Tomás da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2017.